

# BANCOS

## A redução do crédito aos países pobres

Os países com grandes dívidas externas, como Brasil, México e Argentina, terão dificuldades para acompanhar a reativação da economia norte-americana, por falta de financiamentos externos: estes países estão sem recursos para apoiar os respectivos setores produtivos; desde o ano passado, vêm obtendo empréstimos quase que exclusivamente para pagar juros aos banqueiros. A afirmação é de um relatório do Fundo Monetário Internacional, divulgado ontem em Washington. Ao mesmo tempo, analistas norte-americanos prevêem que a recuperação só deverá ir até o final de 1984, caso não sejam adotadas medidas de contenção dos gastos públicos.

Segundo o FMI, a dívida externa da América Latina soma US\$ 300 bilhões, o equivalente à metade da dívida de todo o Terceiro Mundo. Frente aos crescentes temores de que parte desta dívida não seja paga em dia, houve drástica redução de empréstimos aos países pobres não-exportadores de petróleo. Em 1981, estes empréstimos totalizaram US\$ 51 bilhões, caindo para US\$ 25 bilhões no ano passado. Os empréstimos aos países industrializados também cairão: de US\$ 99 bilhões em 1981, para US\$ 57 bilhões, em 1982. No mesmo período, os empréstimos aos exportadores de petróleo cresceram de US\$ 2 bilhões para US\$ 8 bilhões.

O total de empréstimos prometidos aos países pobres no primeiro trimestre deste ano foi de US\$ 19,3 bilhões, um pouco menos que em idêntico período do ano passado, sendo que quase a metade do total (US\$ 9,4 bilhões) deveria ter sido encaminhada a Brasil e México.

A boa vontade dos bancos em continuar emprestando aos países pobres dependerá da eficiência dos programas de reajustamento aceitos, em acordo com o FMI. Os banqueiros se comprometeram a fornecer cerca de US\$ 12 bilhões de novos empréstimos, a médio prazo, a um grupo de países que renegocia suas dívidas. Seja como for, as perspectivas de liberação de mais financiamentos "dependerão mais da vontade do sistema bancário" de agir frente ao aumento

dos riscos para seu capital, "do que de sua capacidade para fazer" tais empréstimos.

### A recuperação dos EUA

De seu lado, os 250 analistas de investimentos consultados pela Associação Nacional dos Economistas norte-americanos são quase unânimes em apontar a recuperação da economia dos países pobres até o final do próximo ano. O presidente da Associação, Edgar Fiedler, assim resumiu o resultado da pesquisa: "Eles não vêem qualquer surto de inflação, nenhuma alta dos juros e nenhuma nova recessão. Parece estar entrando num período de tranquilidade econômica, em 18 meses de saudável crescimento, sem excessos".

Por isto, Fiedler não acredita que a economia (ainda com elevado nível de desemprego) seja o principal ponto de debate da campanha para as eleições presidenciais do próximo ano, marcadas para novembro. No entanto, 76% dos analistas consultados advertiram que, mantido o atual déficit da administração Ronald Reagan, surgirão fortes pressões sobre o crédito, e os juros, na mesma medida de aceleração do crescimento. "Em resumo, é duvidoso que a firme recuperação esperada em 1984 possa ser mantida além do próximo ano, sem importante cirurgia orçamentária", disse Fiedler.

Eis algumas das outras respostas dadas pelos analistas:

— 68% (58%, na pesquisa realizada em maio) informaram que suas empresas estão vendendo mais;

— 52% indicaram que os níveis de emprego permanecem inalterados; 31% (22% na pesquisa anterior) que melhoraram, e 17% que continuam em queda. O desemprego deverá baixar dos atuais 9,5% para 8,5%, na época das eleições;

— os analistas projetam o crescimento econômico real a 5,4% ao ano, nestes últimos dois trimestres deste ano, um nível inferior aos 9,2% anunciados pelo governo para o segundo trimestre, porém próximo da média de expansão do primeiro trimestre. Para 1984, eles estimam um crescimento de 4,6%;

— a inflação subirá 4,2% neste segundo semestre e 5,1% em 1984.